

Público

28-04-2014

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Economia

Dimensão: 1035

Imagem: S/Cor

Página (s): 12/13

Sucedânea da pirâmide Telexfree está licenciada na Zona Franca da Madeira

Esquema de dinheiro fácil consiste em ganhar comissões com a colocação de anúncios na Internet e a venda de pacotes de comunicação. No mês passado, foi considerado fraudulento nos Estados Unidos, onde foi declarada a falência da Telexfree

Negócio de comissões Tolentino de Nóbrega

A declaração de falência da empresa Telexfree nos Estados Unidos e o encerramento do seu site na Internet, desde o dia 15 de Abril "em manutenção", lançou o pânico entre milhares de investidores madeirenses que receiam não poder recuperar os cerca de 50 milhões de euros investidos em mais de 40 mil contas.

A Telexfree tornou-se um fenómeno viral na sociedade madeirense, envolvendo figuras públicas de várias áreas e conhecidas individualidades da administração regional, mas a tentativa de "exportação" para a ilha de Jersey, onde existe uma importante comunidade de emigrantes da Madeira, foi barrada pela apertada vigilância das autoridades locais. E até entrou no discurso do presidente do governo madeirense, que comparou a rede de marketing multinível à agricultura da ilha.

"A agricultura constituiu, permitam-me a comparação, uma espécie de Telexfree neste tempo de crise, porque não há dúvida que mais uma vez se mostrou e demonstrou que a terra, a propriedade, aquilo que é concreto, isso nunca perde o seu valor quando é explorada inteligentemente", disse Alberto João Jardim.

A contrastar com o optimismo do governante, que revelou algum desconhecimento do esquema daquela pirâmide financeira cujo nome trocou, a apreensão dos investidores madeirenses, gerada com a insolvência da Telexfree nos Estados Unidos e a proibição de operar no Brasil, volta-se agora para a Wings Network, empresa de marketing multinível que vende produtos semelhantes e utiliza os mesmos angariadores na ilha. O esquema de adquirir dinheiro fácil também consiste em ganhar comissões através da colocação de anúncios na Internet e a venda de pacotes de comunicação.

Licenciada na Zona Franca da Madeira, esta sociedade por quotas, com um capital de 100 mil euros, tem escritórios (loja 1) no número

24 do Caminho do Engenho Velho, no Funchal, e no Parque das Nações em Lisboa. Apesar disso, foram infrutíferas as tentativas de contacto, pelo telefone e *email* indicados no site, feitas pelo PÚBLICO no sentido de esclarecer a natureza dos negócios desta empresa também inscrita numa zona *offshore* em Hamriyah, nos Emirados Árabes Unidos. O mesmo endereço da Madeira, e igual objecto social, apresenta a empresa Tropikgadget Unipessoal Lda, que, com idêntico capital social de cem mil euros, usufrui de benefícios fiscais por também estar licenciada no *offshore* madeirense.

Com a actividade iniciada em Janeiro passado, a Wings Network apresenta-se como uma "empresa que chega com a proposta inovadora de utilizar o multinível como canal global de vendas de soluções de marketing *online* e *mobile*". E, para atestar a legalidade do negócio, exhibe os documentos a confirmar que "tem a sua sede administrativa em Portugal, na ilha da Madeira e sua sede fiscal em Dubai" e "está devidamente registada".

A própria empresa informa como devem agir os interessados para obterem ganhos: "Arranjar duas pessoas, por cada pessoa recebes

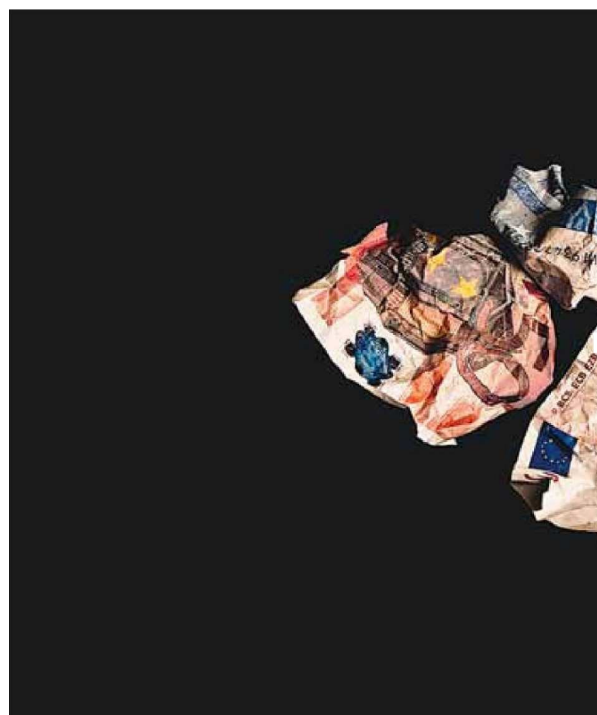
50 euros e, completando essa linha das duas pessoas, ganharás 250 (total 350). Depois, cada dia 8 de cada mês recebes 750, dos quais 99 ficam para a Wings. Por isso, são 651 euros que ganhas sem fazer mais nada. Claro que quanto mais pessoas tiveres em baixo mais recebes. Por exemplo, se a tua irmã/irmão ou um amigo, por exemplo, entrar, das duas pessoas que meterem tu recebes 250 da linha que ficar completa (binário), e assim sucessivamente." Mais: "A finalidade é progredir na rede ajudando uns aos outros", diz a Wings, que se declara "uma empresa que chega com a proposta inovadora de utilizar o multinível como canal global de vendas".

Empresas de fachada

Neste momento, "empresas deste tipo proliferam como cogumelos", revela ao PÚBLICO o investidor madeirense António Silva. Wings Network, Libertagya, Wenyard, Get Easy e Dollars Flow System são alguns dos nomes de empresas de marketing multinível que, na sua opinião, "são fachadas para esquemas semelhantes ao da Telexfree".

António Silva confessa que, "após muita resistência", entrou na Telexfree em Novembro de 2013. "Estava ciente que se tratava de um 'negócio' menos claro e pouco sustentável. Sabia que a qualquer altura poderia perder o dinheiro investido. Com os 1050 euros investidos consegui, até início de Março, recuperar o dinheiro investido e ainda lucrar cerca de 600 euros", conta. Para além dos ganhos das rendas semanais, Silva teve "ganhos por prémios de entrada de alguns familiares que pediram para os ajudar na realização dos anúncios, pois, como me diziam, não percebiam nada de computadores".

Entretanto, a Telexfree anunciou que a partir de 9 de Março iria mudar o plano de compensações. "Esse novo plano só previa remunerações a quem angariasse pessoas para a sua rede, o que não acontecia no plano anterior. Como não tenho perfil para andar a angariar pessoas para um negócio que eu achava



Milhares de pessoas receiam não recuperar os cerca de 50 milhões investidos

"Angariei pessoas a quem o dinheiro custou muito"

No início do ano, Raquel*, os pais e o namorado gastaram cerca de 6300 euros para abrirem seis contas no site da Telexfree. A quantia foi paga em dinheiro a uma pessoa que já tinha conta na empresa e que estava a angariar novos "colaboradores".

"Chegou a um ponto em que praticamente toda a gente tinha contas. Tornou-se muito apelativo, porque havia histórias de muita gente a ganhar muito dinheiro", conta ao PÚBLICO "colaboradora" a partir da Madeira. Circulavam informações sobre pessoas que tinham comprado apartamentos e barcos ou outras que tinham contratado desempregados só para gerirem as contas da Telexfree. Também se ouviam histórias de quem tinha pedido empréstimos bancários para aderir ao esquema. "Infelizmente, entrei

tarde. Vi toda a gente a entrar, toda a gente a ganhar dinheiro. Quando se entra mais para o fim, ninguém sabe quando vai estoirar."

Cada um dos "colaboradores" que entrava na Telexfree recebia o produto da empresa: uma aplicação para chamadas através da Internet, não muito diferente do Skype. Em teoria, o trabalho das pessoas com uma conta no site era colocar, em sites, cinco anúncios por dia a este serviço. Por esta tarefa, a empresa pagava cem dólares semanais. O dinheiro podia ser reclamado quando a pessoa chegasse aos 300 dólares e era transferido por um sistema de pagamentos electrónicos para a conta bancária. O processo demorava umas três semanas, diz Raquel. Recrutar participantes dava direito a um bônus de cem dólares e a uma parte dos

Público

28-04-2014

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Economia

Dimensão: 1035

Imagem: S/Cor

Página (s): 12/13



idos em mais de 40 mil contas

ito a ganhar”

ganhos dos recrutados. Quanto maior for a rede de pessoas que se tem no nível abaixo, maiores as comissões recebidas.

Apesar dos processos judiciais, Raquel diz que “a empresa sempre foi muito correcta com as pessoas” e que o problema foi o facto de “os madeirenses e os portugueses não terem sabido aproveitar a oportunidade”. E considera que, se as pessoas não tivessem criado múltiplas contas e tentado contornar “as regras do jogo”, ainda hoje a Telexfree estaria em funcionamento. Agora, não tem esperança de recuperar o dinheiro e diz estar preocupada sobretudo com as pessoas que convenceu a abrirem contas. “No meu caso, a vida continua. Mas angariei pessoas a quem o dinheiro custou muito a ganhar.”

Liliana e Teresa* foram das que entraram recentemente na

Telexfree e não tiveram tempo de reaver o dinheiro. Ambas de Lisboa e professoras de Educação Física, dizem não ter entrado assim que tiveram conhecimento do esquema. “Ninguém acredita em dinheiro fácil; esperámos para ver pessoas que conhecemos retirar dinheiro de lá. E isso aconteceu.”

As duas contam como, em Portugal, há grupos no Facebook e sistemas de *chat* para aliciar pessoas e esclarecer dúvidas dos interessados. E há as que, conhecidas como “líderes”, abrem muitas contas. Frequentemente, estas pessoas recebem de outros o dinheiro para abrir contas, poupando assim os recém-chegados ao trabalho de usar o sistema de pagamentos electrónicos. (*nomes fictícios)

Testemunhos recolhidos por João Pedro Pereira

pouco claro e que acarretava o risco de perder o dinheiro investido, abri a 5 de Março mais uma conta para manter as regras antigas”, acrescenta. “Para abrir a nova conta, reinvesti os 600 euros de ganhos da primeira conta e juntei mais 450 euros. Após a reestruturação dos planos, a Telexfree nunca mais foi a mesma. Já não havia liquidez e para levantar o dinheiro já tínhamos que usar uma eWallet para depois transferir o dinheiro para a conta bancária, num processo cada vez mais dificultado.”

No final de contas, Silva perdeu 450 euros. No entanto, lamenta, “há quem tenha perdido muito mais”. E explica: “Uns porque, traídos pela ganância do lucrativo negócio fácil, deixaram os respectivos postos de trabalho, outros porque ficaram numa situação financeira ainda pior, agora sobrecarregados com os encargos dos empréstimos bancários contraídos para investirem na Telexfree”.

Fraude nos Estados Unidos

A machadada fatal foi dada no dia 14 de Abril por um tribunal dos Estados Unidos que bloqueou toda a actividade da empresa, acusando-a de fraude. Um relatório do estado de Massachusetts, então divulgado, confirma que a Telexfree é uma pirâmide financeira que arrecadou cerca de 1,2 mil milhões de dólares em todo o mundo. No documento, as autoridades pedem o fim das actividades da empresa, a devolução dos lucros e o ressarcimento das perdas causadas a investidores, chamados divulgadores.

Depois desta decisão, António Silva diz não ter quaisquer esperanças de que a situação volte a normalizar-se. “Os Estados Unidos não brincam. Li o parecer da comissão especializada da fiscalização entregue ao tribunal e lá está tudo bem claro: trata-se de uma pirâmide financeira”, conclui. “Pena é que no nosso país não exista nenhuma entidade fiscalizadora que proteja as pessoas de situações semelhantes. Não por mim, porque já sabia o que era este esquema, mas para proteger algumas pessoas incautas que, para compensarem cortes injustos nos ordenados, acreditaram na lábia de muitos angariadores que pintavam a empresa como legítima e uma oportunidade a não perder”, lamenta, criticando a inércia das autoridades de prevenção e fiscalização, que não terão intervindo por alegada falta de queixas.